

1. Manuel Eufrásio de Azevedo Marques, "Apontamentos" "da Província de São Paulo" I 3.
2. Belmonte em "No Tempo dos Bandeiranes" 27, diz ter havido nesta fazenda, no século dezessete, pequeno forte de "taipa e tranqueiras", "no Emboagaça, para os lados de Pinheiros, na confluência dos rios Grande e Jeribatiba e foi erguido para evitar novos ataques de índios à vila".
3. Aureliano Leite, "A História de São Paulo" 20.
4. Roger Batisde, "O Negro em São Paulo", em "São Paulo em Quatro Séculos" II 23.
5. Afonso d'Escragnole Taunay, "São Paulo nos Primeiros Anos" 159 e 182.
6. Afonso d'Escragnole Taunay, "São Paulo no Século XVI" 186.
7. Adolfo Augusto Pinto, "História da Viação Pública de São Paulo", 13.
8. Arquivo Público do Estado.
9. Afonso d'Escragnole Taunay, ob. cit. 214.
10. Arquivo Público do Estado, inventário.
11. Jacinto Ribeiro, "Cronologia Paulista" I 677.
12. Roberto Símonsén, "História Econômica do Brasil" I 90.
13. Jean de Léry, "Viagem à Terra do Brasil" 37 e 77.
14. Miran de Barros Latif, "Uma Cidade nos Trópicos" 2ª edição, 17.
15. Luís Gonzaga da Silva Leme, "Genealogia Paulistana" V 508.
16. João Ribeiro, "História do Brasil" 118 da 6ª edição.
17. Roque Luís de Macedo Leme da Câmara, "Nobiliarquia Brasiliense" na Revista do Instituto Histórico de São Paulo XXXII 152.
18. João Ribeiro, ob. cit. 130, conta que "o principal alvo era tripudiar sanguinolentemente sobre a heresia reformista".
19. José Vieira Fazenda, "Antiquilhas e Memórias do Rio de Janeiro", na Revista do Instituto Histórico Brasileiro, tomo 95, vol. 149.
20. Carlos G. Rheingantz, "Primeiras Famílias do Rio de Janeiro" I 117 e II 324 - e "Toussaint Gurgel" em "O Globo" de 26/7/1965, neste afirmando que "na habilitação de genere de um dos seus netos, os depoentes, em seus testemunhos, foram Unânicos em declarar que Toussaint Gurgel nasceu em Havre de Grâce".
21. Heitor Gurgel, "Uma Família Carioca do Século XVI" 27, trabalho valioso que nos dá a conhecer Toussaint em sua vida, valor e intimidade.
22. Afrânio Peixoto, "A Igreja de Nossa Senhora da Glória do Outeiro", publicação nº 10 do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.
23. Enciclopédia e Dicionário Internacional, IX 5253, diz que Domingos de Gourgue, navegante francês do século XVI, nasceu em 1530, foi grande navegador com expedição na recoquista da Flórida. É também citado no Larousse, século XX, III 835.
24. Heitor Gurgel, ob. cit. 101.
25. Visconde de Sanches de Baena, "Arquivo Heráldico-Genealógico" LXXXIV.

CMP 2.1.9.6.2-2

dar térreo, ou antes, inferior, como se pode ver em meu livro "Campi-  
nas, seu Berço e Juventude", figuras 18 e 19 na página 183, e em  
Belmonte, "No Tempo dos Bandeirantes", página 48. Alcova era um  
pequeno cômodo, ou, comumente, cômodos, no fundo de um cômodo ~~grande~~  
grande, como está no meu citado livro, figura 8 da página 11, em dois  
cômodos de frente. Embora não se encontrem tais distinções em di-  
cionários modernos ou arcaicos, o uso das duas palavras tinha a  
diferenciação acima exposta, encontrada em documentação numerosa.

37. José Jacinto Ribeiro, "Cronologia Paulistana" I 677.
38. Nunca encontramos a expressão "casa grande" para designar a casa  
sede da fazenda ou engenho, nas regiões paulistas. Tais casas,  
entre nós eram, e ainda são entre gente mais conservadora, cha-  
madas "sobrados" por serem, geralmente, as únicas de assoalho, en-  
quanto as demais só dispunham de pisos de terra socada.
39. Arquivo Público do Estado, inventários.
40. Frei Domingos Vieira, "Tesouro da Língua Portuguesa" V 671: "tam-  
bores - cadeira rasa sem braços; tem espaldar a diferença dos  
mochos que são rasos, de braços e espaldares".
41. Frei Domingos Vieira, ob. cit. V 925: "primavera - certo pano  
de seda, folhagens e matizes".
42. J. Wash Rodrigues, "Mobiliário do Brasil Antigo" 19 e 21.
43. Frei Domingos Vieira, ob. cit. IV 632: "palanquim - rede suspen-  
sa em um varal por duas pontas, na qual vai alguém sentado ou  
deitado; sobre o varal corre um sobreceú com cortinas que cobrem  
a pessoa que nela vai". Deste, uma evolução para a cadeirinha,  
conservando o nome de palanquim, se compunha de uma rótula, ou  
teto adornado no qual se fixavam os dois varais para assentarem  
nos ombros dos carregadores; da rótula pendia uma grande corti-  
na. Chamavam-na, também, serpentina. Veja Tomás Ender, "O Velho  
Rio de Janeiro" 49 e 157.
44. Frei Domingos Vieira, ob. cit. V 925: "véstia - parte dos vesti-  
dos que cobre o tronco, com mangas ou sem elas; traz-se por de-  
baixo da casaca". Antenor Nascentes, Dicionário da Academia Bra-  
sileira de Letras VI 1704, edição Bloch.
45. Índios que pela Carta Régia de 19/11/1616, não podiam ser escla-  
vizados e deviam ser administrados sob condições.
46. Afonso d'Escragnole Taunay, "Ensaio da História Paulistana" em  
em Anais do Museu Paulista X 163.
47. Veja nota 40.
48. Adolfo Morales de los Rios Filho, "Grandjean de Montigny e a Evo-  
lução da Arte Brasileira" 79 e 82.
49. Alexandre Herculano, "Lendas e Narrativas" I 276 - 13ª edição.
50. José de Barros Barreto - Belmonte, "No Tempo dos Bandeirantes" 86.
51. Júlio Dantas, "Os Galos de Apolo" 189, 2ª milhar.
52. Afonso d'Escragnole Taunay, "Bibliotecas Seiscentistas Particu-  
lares em São Paulo", na Revista de Filologia e de História II 21.
53. Conde de São Paio (Dom Antônio), "A Heráldica Portuguesa" em  
anais de Primer Congresso de Genealogia y Heráldica 132.
54. Armando de Matos, "Brasonário de Portugal".

- 55 55. P. B. Gheusi, "Le Blason Héraldique" 116.
- 56 56. H. Gourdon de Genouillac, "Gramaire Héraldique" 42.
- 57 57. D. L. Galbreath et H de Vevey, "Manuel d'Heraldique" 66.
- 58 58. Alberto y Arturo Garcia Carraffa, "Enciclopédia Heraldica Y Genealogica Hispano-Americana" I 57.
- 59 59. A de Armengol y de Pereira, "Heráldica" 80.
- 60 60. A de Guerin-Segueir, "Précis d'Héraldique Britanique" na Revista do Instituto Heráldico e Genealógico IX 339.
- 61 61. Iain Moncreiffe & Don Pottinger, "Simple Heraldry" 54.
- 62 62. L. G. dos Santos Ferreira, "Armorial Português" II 103.
- 63 63. L. G. dos Santos Ferreira, ob. cit. II 64 e 87.
- 64 64. Conde de São Paio, ob. cit. 132.
- 65 65. Antônio de Vilas Boas e Sampaio, "Nobiliarquia Portuguesa" 283.
- 66 66. Visconde de Sanches de Baena, ob. cit. pag. LXXX.
- 67 67. L. G. dos Santos Ferreira, ob. cit. II 125.
- 68 68. L. G. dos Santos Ferreira, ob. cit. I 147.
- 69 69. L. G. dos Santos Ferreira, ob. cit. II 40 e 94.
- 70 70. José Luís Campos do Amaral era fidalgo da Casa Imperial, coronel superior da Guarda Nacional, comendador da Ordem de Cristo, oficial da Ordem da Rosa; casado com Maria Joaquina Neves de Campos. Foi pai de Joaquim Mariano Campos do Amaral Gurgel (Almeida Nogueira, "Academia de Direito" VII 207), nascido em Parati, juiz municipal de órfãos, casado com Luísa de Almeida Gurgel; avô de Júlio Campos do Amaral Gurgel batizado em Parati aos 19/1/1862, tendo por padrinho o futuro Visconde do Cruzeiro, <sup>que</sup> foi casado com Itelvina Amélia da Silva Coelho; bisavô de Joaquim Coelho do Amaral, residente em Campinas, onde faleceu a 25/2/1973, de cujo arquivo tiramos os dados presentes. O brasão está em "Arquivo Nobiliárquico Brasileiro" do Barão de Vasconcelos, 573, e em "Parati, Caminho do Ouro" de Heitor Gurgel e Edelweiss Amaral, 32-33. e 205.
71. Visconde de Sanches de Baena, ob. cit. página CCXVII.
72. Celso Maria de Mello Pupo, "O Brasão dos Alvarengas" na Revista do Instituto Heráldico e Genealógico II 319.
73. Afrânio Peixoto, ob. cit.
74. Melo Moraes Filho, "Festas e Tradições Populares do Brasil" 277.
75. Visconde de Sanches de Baena, ob. cit. 188, e Heitor Gurgel e Edelweiss Amaral, "Parati, Caminho do Ouro" 204.
76. Visconde de Sanches de Baena, ob. cit. 427.
77. Visconde de Sanches de Baena, ob. cit. 177.
78. Visconde de Sanches de Baena, ob. cit. 283.

78. Não existem os assentamentos da época; os existentes se iniciam em 1722.

80. Arquivo Público do Estado, inventários.

81. Pedro Taques de Almeida Pais Leme, ob. cit. XXXII 255.

82. Arquivo Público do Estado, inventários.

83. Arquivo Público do Estado, inventários.

84. Luís Gonzaga da Silva Leme, ob. cit. VI 141.

85. Arquivo Público do Estado, sessões XXX 71 e XLI 14v.

86. Cúria Diocesana de Jundiá.

87. Entre São Pato e Sampaio, procuramos conservar a forma usada pelo portador do apelido.

88. Pedro Taques de Almeida Pais Leme, ob. cit. XXXII 258.

89. Esta casa, quando já pertencia à filha de Vicente Ferrer, Francisca Soares do Amaral, foi lançada para pagamento de imposto predial de 1865-66, que se calculava pelas aberturas da fachada, pelas janelas que abriam para a rua da frente; tinha a casa três aberturas e mais a porta com duas janelas de um lado e uma do outro. Quanto a Lango, já tratamos na nota 36.

90. Realmente se chamou Boaventura do Amaral Camargo e tinha seis anos quando se fez o requerimento.

91. Cúria Metropolitana de São Paulo.

92. Um dos maiores comissários de café, na ocasião.

93. Francisco Nardy Filho, "A Cidade de Itu" IV 57.

94. Antônio Pompeu de Camargo, "Os Paulistas e a Igreja" II 57 e 150.

95. Cúria Diocesana de Piracicaba.

96. Segundo Tabelionato de Itu.

97. Pedro de Mello e Sousa, genealogista que, quando se admitravam de seus conhecimentos genealógicos, respondia: "o meu pai conhecia muito mais". Foi citado pelo grande genealogista Luís Gonzaga da Silva Leme ~~em~~ em sua monumental obra "Genealogia Paulista" V e IV 245, dizendo: "ajudado pelo inteligente velho Pedro de Mello", que para ele era "caráter de rija tempera, nota-vel pela memória que conservou até os últimos anos de sua vida, constituindo depósito de quem as gerações de hoje iam receber as tradições dos seus antepassados".

98. Carlos G. Rheingantz, ob. cit. II 367.

99. Dunshee de Abranches, "Governos e Congressos da República" I 257.

100. Antônio Joaquim de Macedo Soares, "Nobiliarquia Fluminense" II 304 e Afonso Eduardo Martins Zuquete, "Nobreza de Portugal e do Bra-

sil" III 154.

101. Manuel Eufrásio de Azevedo Marques, ob. cit. II 62.

38  
#  
CMP 2.1.9.6.2-4